

# Agora sim, pensou o avô: Somos Natal! – Por Rosa Fonseca

written by Rosa Fonseca | 14 de Dezembro, 2023



Jerónimo era um avô sem chapéu e sem barbas brancas. Também não usava bengala ou um roupão de flanela aos quadrinhos.

Em vez de se sentar à soleira da porta a apanhar sol com os vizinhos, não!

Gostava de vagueava pela cidade e beber o seu café numa rua

estreita da cidade. Era de lá que apreciava o vaivém dos moliceiros e das pessoas atarefadas.

Havia uma altura do ano que gostava particularmente de descer à cidade. Os dias anteriores ao Natal. Vestia a samarra e ia com o vento, às vezes um vento norte que o empurrava e chagavam até a barafustar um com o outro. Dois teimosos.

Por estes dias observava as pessoas mais apressadas a entrarem e a saírem das lojas, como se tudo à sua volta corresse como um comboio a alta velocidade. Carregavam sacos adornados de laços, quase sempre vermelhos ou verdes, prateados ou dourados. Mas o que ele não gostava era de ver os rostos acabrunhados, sem brilho. Questionava o espírito natalício que se apregoava na publicidade. Tudo lhe parecia fugaz e intransigente. Demasiadamente incoerente para a festa da família. Do reencontro. Das crianças.

As crianças já não se viam pelas mãos das mães, estavam guardadas nos infantários e escolas. Ou talvez pior, ligados a um jogo online sem verem o mundo cá fora. Preocupava-o estes tempos novos de alguma alienação. Também tinha netos e bem os via nessa senda. Não era contra o progresso, ele próprio usava as redes sociais.

Mas nada substituíria o calor do outro. O encontro do olhar. Sentia a sociedade carente de afetos.

Numa dessas tardes em que o vento estava a fazer das suas e voavam os chapéus e folhas e despenteava quem por ele passava, de repente lembrou-se de fechar as portas à volta da Rua da Alegria – era o nome que lhe dava desde esse dia em que teve a ideia.

O avô Jerónimo sussurrou ao vento que se juntassem numa roda e cantassem e dançassem. Lentamente, de todos os lados saíam crianças e pessoas de sorrisos e braços abertos. Havia alegria e sobretudo fraternidade.

Reinava na roda a união. O encanto.

Agora sim, pensou o avô: Somos Natal!

E o vento no seu bailado pousava de mansinho, fios de luz, nas mãos abertas.

Quando já a noite se fazia sentir, Jerónimo fechou as portas da Rua da Alegria e voltou para casa. O vento acompanhou-o. Hoje, mais serenos e sem resmungos. Quase de braço dado. Adormeceram com um largo sorriso, dando lugar aos sonhos dos meninos.

Voltarão no próximo Natal.

O Natal é em cada momento e em todos os momentos a festa do reencontro.